

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º a entrega	36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1225	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	10 de Janeiro de 1913	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	650	120		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	650	120		



MONUMENTOS NACIONAES — CONVENTO DA BATALHA, A FONTE DO CLAUSTRO DE D. JOÃO I



CRONICA OCCIDENTAL

Novo-ano! Ano-feliz!

Ao vermos romper, entre a cerração sombria do ano velho, o primeiro raio de sol-nascente do novo-ano, as cinzas mortas do nosso olhar reanimam-se num fôgo vivo, erguemos as mãos, ao ceu da manhã, ungidas de fé, e, todos, nós sentimos uma cotovia, na alma, a gorgear canticos auroraes de esperança.

Novo-ano! Ano-feliz!

O coração liberta-se do pesadelo ofegante que o oprimia, e respira por momentos, desafogado; e as palavras, ao tocarem-nos os lábios, tomam suavidades de azeite religioso. Vagueia, no ar que nos envolve, um ruído vago de festas, e cáem em nossa fronte flôres esparsas e fluidas de saudação.

Canta-nos o sangue nas veias. Sentimos nos pés azas céleres que nos levam deliciosamente e não voamos ao ceu, porque a terra se nos tornou um paraizo e anda conosco Deus.

Ano-feliz! Novo-ano!

As frias e exhaustivas preocupações fenecem á luz do sol novo. Damo-nos as mãos em ronda de encanto.

Os nossos olhos encontram no caminho olhos carinhosos e amigos e nem disso nos surpreendemos.

As senhoras, que passam, são mais bonitas. E as crianças, que nos olham, sorriem-nos, docemente.

O sr. nascente escorre na alma filtros de maravilha.

Diasipa sombras e enganos tristes e enleva-nos a atenção no momento feliz.

Possue varinha mágica que floresce os desertos mais áridos e evoca agua nos rochedos mais duros.

Sonhos de instantes, quimeras ardidas, volupias de imaginação, enlevos enganosos de alma — são vida plena, desde que os vivemos.

E o cavador alevanta com mais gosto a sua enxada e o semeador desenha em êxtase sobre os campos o seu gesto abençoante e criador.

Os primeiros raios de sol são como as aguas-novas — animam e tonificam.

Mas, em breve — ai de nós! — o Tempo que não se perde nunca, nem nunca nos perde, ainda que nós o percamos sempre, leva consigo e emurchece, nas longinquidades da distancia, as esperanças do ano-novo. E os bastardos da fortuna, mais uma vez desiludidos, enquanto não alevantam forças de ilusão, descreem por momentos, olham os espaços vagamente e julgam ouvir erguer-se da poeira do silencio aquela voz rouca, ingenuamente esperançosa, do velho vendedor de almanques do sombrio poeta-filosofo de Recanati...

«Almanques... almanques novos... Ano felicissimo, meus senhores!»

E a sua voz enrouquecia. O olhar enevoava-se. Os cabelos lam-lhe caíndo em farripas algodoadas sobre os hombros. E a sua fronte enrugava-se e povoava-se de sombras. As esperanças fugiram espavoridas da caverna do seu peito onde só esvoaçavam avejões negros de pesadelo.

No entanto, ao romper do ano-novo, sempre, a voz aspera do velho se avolumava num pregão insistente, grosso de promessas, profetizando prosperidades e melhores dias.

E os dias passam... E os anos decorrem...

E sempre um infortunio irónico antecede os nossos passos, e dispõe sobre o caminho uma subtil camada de neve onde enregelam, sangram e escorrem os pés confiantes dos que vão transitando, esperançosos, mãos erguidas, fronte altiva, olhos retos, a exigir, de direito, á Vida o seu quinhão intangível de felicidade.

E a Vida, que é supremamente sabia e discreta, dia a dia, de ano a ano, nos vai confiando os seus segredos, nos explica os seus ditames ocultos, nos ensina com cuidado a decifrar o seu enigma.

E — ai de nós — nada mais faz que catequisar-nos para o tumulo...

Mas, quando um novo-ano alvorece o nosso olhar carregado, das raizes profundas do nosso ser, subitamente, uma flôr de esperança, brota, desabroxa e nos perfuma, das ruínas desoladas das nossas esperanças, uma ilusão fluida resurge e nos anima e galvanisa, das cinzas das nossas illusões, e fulgura através do mais cerrado scepticismo.

E' assim.

A esta hora, aos primeiros sóes do Ano, pelo mundo inteiro, os animos exaltam-se festivamente,

te, e os coraçõis são fogueiras sacras, onde se queimam incensos, em ação de graças, aos ceus que refulgem miragens longinquas e exuberantes tes de frutos e remansos.

Surgem, nas Almas, ascensões de felicitações e esperanças.

E este ajoelhar carinhoso de almas, nos atrios do Ano que á Religião descortina, com os seus dedos míticos de fé, é simbolizado supremamente na adoração simples dos Reis-Magos, ante o berço de Jesus.

E' o Unívsero que se curva ante o Absoluto, humildemente, tocado de fé, fortalecido na resignação, e exaltado de esperança...

E nós, rijo Portugal, povoleu sonhadôr, marujinho de aventuras infelizes, xixote de dulcineias bregeiras, que temos a baiar no sangue o glóbulo dum messianismo ardente, sentimos impulsivamente a necessidade impreterível de crer e ter esperança — sei lá! — no ano que começa, na nuvem que esvôa, no pelotiqueiro que passa.

No entanto — digamos com verdade — ainda que um desânimo desalentado não seja permitido, o ano que ora decorre não apresenta pronuncios assaz distintos de provaveis prometimentos.

Os horisontes são entenebrecidos.

E se o balanço do ano que finalisou, nos deixa, no vago ofegante da expectativa, o ano-novo não se afeiçôa a refrigerar-nos de consolação.

A politica alargou-se por todo o paiz como um polvo gigantesco e em tudo toca e enreda tudo. Quem nada pôde pensar, pensa em politica. E assim é que o nosso admiravel paiz, petisinho e felizardo, é um paiz de grandes politicos inéditos.

E assim é que o nosso admiravel paiz regor-gita fanfarronamente de estudos economistas.

Pôdem não querer dispender pródigamente meio centavo com agua que lhes dê periodicamente aos cabelos uma feição sebacea menos suspeita, mas sêde certos de que jamais deixarão de aproveitar um centavo na compra dum diario politico de feição.

Do continuo miudo de repartição publica ao kôkox noctambulo dos cafés — todos falam, sonoramente, imponentemente, do problema inextrincavel das finanças, e nenhum ha que não saiba lançar um apôdo enlamefado a um adverso politico em voga.

Mas se o momento é grave — como agora dizem convitamente que é, e eu sou forçado a acreditar-o, visto que tão sonora e imponentemente o declaram — todos falam de concordia e paz e harmonia.

Mas os seus cumprimentos e abraços são extranhamente cordeais. Têm uns certos meneios de faiaes que jogam com o pé rasteiro.

E nós rocejamos sempre, quando assim os vemos tão amigavelmente reunidos, que alguém se não estatele na lama irrisoriamente...

A's vezes, estas interessantes gentes dão-se ao prazer inefabilissimo de frequentar teatros. Não despegam, porém, do assunto favorito. E a discussão acalora-se. Confidencia-se. Segredam-se dichotes. Revivem-se ecos dos Passos-Perdidos. Os olhos incendiam-se. Estalam ameaças.

Por momentos, olham a scena e espreguiçando-se molemente fazem importantes aprocições criticas.

— Não vêes? A Januaria, apesar de velha...

— Sim. E a Luzia? Que corpinho pimpão!

— Mas representa muito mal. Que INGENUA tão sabida!

E que carinha tão CHOUETTE!...

E um visinho estralejou a subitas.

O pano cae. Sáem. E atam o fio da discussão sempiterna.

E assim se resumem...

E nisto se resumem!

ANTONIO COBEIRA.

Monumentos de Portugal

O Convento da Batalha

Principiando hoje a ilustrar estas paginas com gravuras das partes mais belas deste grande monumento nacional, cabe dizer alguma coisa da sua historia e para isso, nada de melhor encontramos do que diz Vilhena Barbosa, no livro *Monumentos de Portugal*, que é tambem um monumento que ele ergueu á sua patria pelo muito estudo e investigação que representa, para lhe memorar suas maiores glorias.

E' de lêr tão bela prosa que melhor se vae vulgarisar nesta revista.

I

O voto e o triumpho

Na existencia das nações, como na dos homens, ha momentos solemnes pela gravidade das circunstancias, pela eminencia do perigo, em que a autonomia d'aquellas e a vida d'estes pendem de um fio tenuissimo.

Portugal viu-se collocado n'uma situação extrema e afflictiva pela morte d'el-rei D. Fernando.

Estreita leira de terra, physicamente fallando, tornára-se grande, forte e respeitado, pelo valor e união de seus filhos, e pela energia e coragem dos seus monarchas. Porém, a corda do fundador da monarchia, que passára de herdeiro a herdeiro até ao esposo de Ignez de Castro sempre entretida de louros virentes, refulgindo sempre com o reflexo da gloria das armas portuguezas, ao cingir a frente de D. Fernando, o formoso, perdeu o esplendor, marearam-lhe inteiramente o lustre os revezes da guerra, que a imprudente ambição do moço rei acarretára sobre o seu paiz.

D. Fernando estreára o seu reinado, declarando guerra a D. Henrique II de Castella; e pouco antes de o terminar rompeu no mesmo excesso com D. João I, filho e successor de Henrique II.

Os exercitos castelhanos, atravessando e talando a seu bel-prazer todo o reino de Portugal, durante aquellas duas campanhas, até virem pôr cerco a Lisboa, e roubarem-lhe e incendiarem-lhe os arrabaldes, lançaram a nação no maior desgosto e desalento que se pôde imaginar. Mas, ainda peor do que os revezes da guerra foi o effeito moral do procedimento d'el rei D. Fernando, assistindo, quasi presenciando mudo e quedo, a marcha dos castelhanos sobre a sua capital; soffrendo com aviltante impassibilidade, que o inimigo varresse os campos e açoitasse a cidade a ferro e a fogo; quebrou todos os brios no animo dos portuguezes; deu motivo a dizer d'elle o principe dos nossos poetas: «Um fraco rei faz fraca a forte gente.»

Como se tudo isto fôsse ainda pouco para aniquilar as forças da nação, vieram as discordias civis augmentar os elementos dissolventes do corpo social.

Rendera-se el-rei ás graças seductoras de D. Leonor Telles de Menezes, que era casada com João Lourenço da Cunha, e tanto cresceu n'elle a paixão, que, cegando-lhe os olhos d'alma e fazendo o surdo ás representações de seus conselheiros, e ás supplicas do seu povo, levou-o a tirar a mulher a seu marido, e a dar-lhe com o titulo de rainha a mão de esposo.

D. Leonor tinha tanto de engraçada e formosa, como de astuta e dissimulada, de intrigante e vingativa. Imperando absoluta no coração e na vontade d'el-rei, em quanto procurava abater com uma das mãos as frentes mais altas dos seus contrarios, abria com a outra os cofres da munificencia real, e distribuia liberalmente honras e dinheiro, com que ia reunindo parciaes em torno de si.

D'est'arte se dividiu a nação em parcialidades inimigas, e correu á solta e triumphante a corrupção. Assim se converteu em lucta aberta ou latente todo o longo periodo em que D. Leonor Telles esteve sentada no throno dos nossos reis.

A tantas nuvens que se accumulavam nos horisontes da patria, de dia para dia cada vez mais negras e ameaça-loras, crescia novo e mais temeroso foco de tempestades, ao tempo em que el-rei D. Fernando jazia moribundo no leito da dôr.

A infanta D. Beatriz, filha unica d'este soberano, achava-se casada com el rei de Castella, D. João I; e em virtude do contracto nupcial, haviam de succeder na corôa d'estes reinos, por morte d'el-rei D. Fernando, e no caso de não deixar filho legitimo varão, D. Beatriz e D. João I, ficando, porém, com as reideas do governo, como regente, a rainha D. Leonor Telles, até que sua filha D. Beatriz tivesse um filho chegado á idade de 14 annos. Era esta a recompensa que a ambiciosa esposa de D. Fernando exigira do seu genro pelos serviços que lhe prestára no ajuste d'aquelle tratado. E para que a presa lhe não escapasse das mãos, cuidou com tempo em afugentar do reino os que podiam disputar-lh'a.

Por sua causa viram-se obrigados a expatriarem-se seus cunhados, os infantes D. Diniz e D. João, filhos d'el-rei D. Pedro I e da desditosa D. Ignez de Castro; e acolhendo-se a Castellaahi foram presos logo que el-rei D. João I recebeu a noticia da morte do sogro. E se a unica vergontea da arvore dos nossos reis, que restav

no solo natal, D. João, mestre d'Aviz, filho bastardo d'el-rei D. Pedro I, não foi victima de igual ou peor sorte, é porque mais cauto e melhor aconselhado que seus irmãos, soube livrar-se com astucia de todas as ciladas que lhe armou D. Leonor Telles.

Souu enfim a hora fatal para o monarcha e para a nação. D. Fernando baixou ao tumulo ainda moço, no vigor da idade, mas com o coração envelhecido e exaustão pela luta das paixões. E a sua morte foi o signal para rebentar em tumultos a cidade de Lisboa, e depois d'ella todo o paiz, e para invadir as fronteiras do reino o exercito castelhano.

Tudo prognosticava um cataclismo politico, onde se subverteria irremediavelmente a independencia e liberdade dos portuguezes. Porém, aquelle instincto da conservação, que a Providencia dispensou aos homens como um pharol mysterioso nas escuras veredas da vida, levou o povo a acerçar-se do mestre d'Aviz, aclamando-o defensor e regente do reino.

Joven e valoroso, déra a medida da sua ousadia e da sua dedicação pela causa publica, vindando com a morte do conde Andeiro, nas proprias salas do paço real, as affrontas feitas pelo valido ao thalamo d'el rei D. Fernando, e ao pundonor nacional.

E pouco depois mostrou-se digno do titulo que lhe deu o povo, defendendo Lisboa gloriosamente contra as tropas castelhanas commandadas em pessoa pelo seu rei, que vieram combatel-a em porfiosos e repetidos assaltos, estreitando-a durante cinco mezes em apertado sitio, não obstante achar-se a cidade mal abastecida de gente d'armas, e ainda mais falta de mantimentos.

A voz eloquente do dr. João das Regras, que fez prevalecer a suprema lei da salvação publica a todas as considerações da justiça e da legitimidade, as côrtes reunidas em Coimbra dão a corôa ao mestre d'Aviz, e aclamam no D. João I, rei de Portugal.

Mas quando tudo parecia sorrir paz e ventura; quando a victoria, começando a enramar de loiros as nossas armas, compellia o pretendente castelhano a recolher-se envergonhado ás suas fronteiras; quando os tres estados do reino, pronunciando aquelle solemne veredictum, exaltavam novamente o principio da soberania do povo, origem gloriosa da monarchia portugueza, e constituíam a nação em novas e solidas bases; achou-se d'improviso Portugal á borda do abysmo, que tantas nacionalidades tem sorvido!

(Continua.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

Donas de tempos idos

PELO
Conde de Sabugosa

De tempo vem a valiosa oferta que o nobre fidalgo e illustre escritor nos fez do seu belo livro *Donas de tempos idos*, mas como desobrigar nos mais cedo do agradecimento devido, se tantos trabalhos reclamam o nosso minguido esforço, absorvendo nos completamente o tempo, que não cança de caminhar, e como ele caminha, como ele foge, na propecta idade em que vamos!

O agradecimento intimo formulamo-lo logo que a preciosa brochura nos chegou ás mãos, prevendo o prazer que sua leitura nos proporcionaria, mas esse não bastava. Na qualidade de director desta revista tinha de, nas suas colunas, me referir ao aparecimento da obra literaria, que a generosa gentileza do autor me oferecia, correndo-me o dever de a noticiar aos leitores do OCCIDENTE que, em geral, melhor a podem apreciar.

Se dissérmos que é este dos raros livros que, na literatura contemporanea portugueza, apparecem mais dignos de se lêrem, não exageramos, porque não nos doe tal pécha, mas simplesmente exprimimos nosso sentir, talvez com um bocadinho de paixão por estas leituras.

A Historia é sempre interessante de se lêr porque dela se tira não raro lição, mas quando na sua leitura vemos prepassar as personagens animadas pela vida que o historiador lhes insufflou com a pujança de seu espirito, esse interesse aumenta, atrae-nos, transporta-nos aos tempos idos, cheios de natural curiosidade por compararmos

o passado com o presente, tanto quanto possível na sua realidade.

E' o que acontece com a leitura das *Donas de tempos idos* e, como o titulo logo indica, de mulheres ele trata.

Que mais é preciso dizer para despertar o interesse, a curiosidade do leitor?

Remotando ao seculo XII faz um pouco de historia do rei D. Sancho I, que foi tão guerreiro e conquistador de terras para Portugal como de amores, em que D. Maria Paes a *Ribeirinha*, tão sedutora quanto perfida, teve, acaso, a primazia de o acompanhar até á morte. Este capitulo é dos mais impressionantes pelo dramatico e, até pelo tragico.

Chega ao seculo XV e conta a comovedora historia da infanta D. Beatriz, filha de D. João I, que, viuva aos 23 anos do conde de Arundel, morto na guerra, e depois casada com John Holland, conde de Huntingdon, o destino levou a ser sepultada no castelo de Arundel junto de seu primeiro marido, em suntuoso mausoleu de jaspe rendilhado.

Segue-se D. Leonor de Austria, irman do



CONDE DE SABUGOSA

grande imperador Carlos V, terceira mulher de D. Manuel e que primeiro esteve para o ser do principe D. João, filho daquelle monarcha e depois rei D. João III. D. Leonor enviuvando, esteve para casar com o enteado, desenvolvendo-se grande intriga na côrte por este motivo, vindo por fim a casar com Francisco I, pelo que foi rainha de Portugal e de França. Uma das causas que mais lhe abreviou a vida foram as saudades de sua filha a princesa Beatriz. Este capitulo é muito interessante.

Mas logo se segue o de D. Beatriz de Saboya, que casou com o duque de Saboya, cuja pobreza fazia deploravel contraste com a côrte de Portugal. Sua formosura foi inspiração de poetas como Gil Vicente, e a lenda diz também de Bernardin Ribeiro, cuja paixão o levou a Italia, mas D. Beatriz se recatou, dizendo-lhe: *ya eran passados los dias de los entretenimientos de Palacio!*

E' um romance todo de casto amor. Vem depois a encantadora dama D. Francisca de Aragão, da côrte de D. Catarina de Austria, mulher de D. João III, que dali a trouxe para Portugal. Sua formosura foi cantada por poetas do tempo: D. Manuel de Portugal, Jorge de Montemor, D. João de Borja, Andrade Caminha, do qual tirou epigrafe para este capitulo o sr. conde de Sabugosa nos seguintes versos das *Odes*:

*Almas enche d'amor, peitos de espanto,
Linguas mudas de voz, vozes de canto.*

Da loira e formosa dama se apaixonou Camões — que os poetas sempre se apaixonam —; mas o autor do livro, não encontra fundamento para ir além de simples namorada do poeta de sobra «namorador incorrigivel».

Abre um capitulo para falar de *El-Rei D. Sebastião e as mulheres*. Fala das noivas do infeliz rei e das suas hesitações de casamento.

Tratando de D. Catarina de Bragança, mulher

de Carlos II de Inglaterra, descreve a vida crivada de desgostos que passou na côrte inglesa, victima das intrigas da sua rival Lady Castlemaine; a sua paixão pelo marido, a morte do qual assiste, e de, como por fim se retira para Portugal.

Termina o livro pela princesa D. Isabel de Portugal, essa mimosa flôr, filha de D. Pedro II e da rainha D. Maria Francisca, a qual tantas vezes pretendida para casar, nunca o destino tal permitiu, morrendo aos 22 anos quando as arvores se despiam ao caírem-lhe as folhas.

Junto ao tumulo de sua mãe, no convento das Francesinhas foi repousar. A sorte, porém, também ali a não favoreceu, pois que sendo ultimamente demolido aquele convento, os restos desta princesa, como os de sua mãe, foram irreverentemente conduzidos numa qualquer carroça para o Panteon de S. Vicente. (1)

Eis o livro *Donas de tempos idos*, do sr. conde de Sabugosa, que veio com este seu novo trabalho mais uma vez demonstrar quanto se compraz no estudo da historia portugueza, em que bem emprega o tempo com opimos frutos que enriquecem a nossa apoucada literatura contemporanea.

CAETANO ALBERTO.



Exposição de pintura de ar livre

As exposições de arte vão-se succedendo com frequencia na epoca do ano em que estamos, e assim mal se fechou a exposição de pintura da professora D. Zoé Batalha Reis, outra logo se abriu, a de *Pintura de ar livre* pelos artistas Antonio Saude e João Trigoso, tendo á sua frente o professor Carlos Reis.

Numa das belas salas da redação do jornal *A Lucta*, ao Calhariz, abriu no dia 29 do mez passado, aquella exposição, com cerca de quarenta quadros de paisagem e alguns desenhos a carvão.

Carlos Reis apenas contribuiu com uma grande tela, *Gerânios e malva-roxa*, um massico destas plantas, sobre o qual se desenha uma figura de menina tão fresca e louçã como as flôres que está colhendo para um cabazinho de braço, que por sinal pouco se destaca, quer do vestido branco da menina, quer do fundo da folhagem. A hora da manhã, em que se colhem flôres, o sol já dardejia de modo que, para se resguardar um tanto dos seus raios, a menina abrigou a cabeça sob um chapeleirão de palha que lhe projéta na cara, bastante afogueada, uma sombra amiga. O efeito desta sombra é bem realçado, no entanto o colorido pareceu-nos demasiado vivo e accentuado, o que prejudica o vaporoso que convinha á pintura.

Este quadro pelas suas dimensões e intensidade de côres chama logo a atenção dos visitantes.

Em ar e luz temos farta messe nos quadros de Antonio Saude, o pintor da côr e dos empastes de tinta, de que não é avário, processo com que alcança efeitos muito originaes e, mas nem sempre felizes, especialmente em quadros de pequenas dimensões. E' este, porém, seu temperamento, com que muitas vezes triunfa e, nesta exposição, em que apresenta umas quatorze telas de paisagens colhidas em Vale de Serrão, margens do Zezere e Santarem, encontram-se surpreendentes efeitos de luz desta terra de Sol, que por serem surpreendentes nem por isso deixam de ser verdadeiros.

Parece-nos, porém, que um pouco mais de economia de tinta não perdia, visto que se trata de pintura e não de baixo relevo.

Dos quatorze quadros destacamos aqueles que melhor nos impressionaram, *Estremadura, Sobreira da Sousa* (Vale de Serrão), *Vila Gaia Poente* (Margens do Zezere), *Efeitos da cheia do Tejo*.

São bem executados os estudos de desenho a carvão deste mesmo artista.

João Trigoso expõe quinze quadros do seu Algarve, onde a paisagem tem aspéctos de singular encanto. A sua grande tela, *A costa d'ouro*, é de largo efeito, melhores os ultimos planos do que o primeiro difficilimo de pintar sem dureza. O mar que marulha por entre os rochedos da costa, carece

(1) Veja-se OCCIDENTE, vol. XXXIV, pags. 278, n.º 1187.

Exposição de Pintura de ar livre

de transparencia que, a nosso ver, não conseguiu bastante.

Outros trechos de paisagem são de lindo efeito, como aquele *Na serra de Monchique e Junto ao rio*.

Monchique, na altitude da serra, é bem diferente da do resto do Algarve. Ali a humidade conserva em perene verdura a vejetação, de que resultam contrastes de cor e de luz, que convidam o paisagista a reproduzir belos efeitos no quadro.

Faltaram este ano á exposiçào alguns dos costumados concorrentes da *Pintura de ar livre*, mas não tem faltado publico a visital-a, o que prova que mais se vai interessando por estes certamens que marcam aprecia-vel progresso na arte portugüesa.

C. A.



GERANIOS E MALVA-ROZA — Quadro de Carlos Reis

pela Grecia; Voinovitch, Topovitch e Myuskovitch do Montenegro; Nokolitch, Novakovitch e Vernitch, pela Servia; Paprikof, Mandjarof e Danof, da Bulgaria; Salih-pachá, Osman Nizami-pachá e Rechid-pachá, da Turquia.

Os delegados gregos eram assistidos por um conselheiro legista, dois conselheiros militares e um representante de Creta; os bulgaros, por um conselheiro diplomatico e um conselheiro militar. Esta sessão foi apenas de apresentação.

Na seguinte, de 17, logo se deram acontecimentos inesperados, que demonstraram as artimanhas dos turcos, cujos delegados declararam que só tinham poderes para tratar com a Servia, Bulgaria e Montenegro, e não com a



PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

A Guerra dos Balkans

A conferencia balkanica, no *Saint-James Palace*, de Londres, eis o clou das atenções mundiaes durante a segunda quinzena de dezembro.

No dia 16 os representantes dos cinco estados belligerantes reuniram-se na *sala dos retratos*, cujos *panneaux* de branco e ouro são ornamentados com grande numero de quadros que representam a serie de soberanos ingleses desde Henrique VIII á rainha Victoria.

As actas da conferencia são redigidas na sala da rainha Anna, e a *sala das armas* e a *das tapeçarias* são destinadas a reuniões particulares dos plenipotenciarios. Ali compareceram Streit, Gonnadius e Venizelos,



SOLITARIO (BAÍA DE LAGOS) — Quadro de J. Trigoso

Grecia, visto que esta não havia assignado o armistício. Entra se em seguida no periodo das hesitações e dos adiamentos, em que as probabilidades de ruptura se tornam successivamente maiores.

Entretanto as chancellarias trabalham para que a paz se mantenha a todo o custo. A Russia, que ainda não havia falado, mostrou, pela bocca de *Kokovtsov*, presidente da *Duma*, uma attitude pacifica, perfectamente afastada de qualquer ideia de provocação. Na sua qualidade de grande potencia slava orthodoxa, que fez tantos sacrificios pelos seus irmãos de raça, a Russia não pôde ficar indifferente a que os povos dos Balkans obtenham condições de existencia em relação com os seus feitos d'armas e como os interesses necessarios ao seu desenvolvimento.

Tanto no discurso de *Kokovtsov*, do dia 18 de dezembro como no de *Poincaré*, de 21, se appellou para a *entente* das potencias, exprimindo-se a absoluta confiança na manutenção da paz.

Parece que essas palavras prudentes de paz foram ouvidas em toda a Europa e nomeadamente pela *conferencia dos embaixadores* que, sob a presidencia de *Sir Edward Grey*, se reuniu em Londres, no *Foreign Office*, com a assistencia do conde A. de Mensdorff-Ponilly-Dietrichstein (Austria-Hungria), Paul Cambon (França), conde Bonckendorff (Russia), principe Lichnowsky (Alemanha), principe de Francavilla (Italia). O seu fim era examinar previamente as questões d'ordem europeia que pudessem resultar da negociação da paz balkanica, afim de evitar conflictos, devendo trocar-se impressões sobre todos os pontos que interessassem as potencias, e muito particularmente sobre a Albania, a questão das ilhas do mar Egeu e a de Creta, o problema financeiro, etc. Estas conversações não team nenhum character official e não representam portanto compromisso para os respectivos governos.

Logo na primeira reunião os embaixadores se puzeram d'accordo em que a Albania seja independente, autonoma e neutra, sob o *contrôle* das potencias, como queria a Austria-Hungria. A



ESTREMADURA (SANTAREM) — Quadro de A. Saude

Guerra dos Balkans — A conferencia dos embaixadores, em Londres

Servia terá um porto no Adriatico, que será neutro, livre e ligado a Belgrado por um caminho de ferro internacional, cuja guarda e policia serão internacionaes. Finalmente — e este é o ponto capital — a exportação servia estará livre do dominio austriaco, assegurando-se o acesso da Servia ao Adriatico pela neutralização d'uma faixa de territorio entre Durazzo e S. João de Medua, por onde passaria a linha internacional. A Servia não aspira á posse d'um porto militar no Adriatico; deseja apenas uma sahida commercial que lhe é indispensavel para não estar na dependencia economica da Austria.

Entre os pretendentes ao throno da Albania apresentam-se alguns nomes de origem albanesa, taes como o marquez Auletta, o principe Bib Dod Prina Ghika, rumano pela nacionalidade, mas descendente de albaneses, e o principe Ahmed Fuad, tio do khediva actual.

Indigitam-se tambem o principe Danilo do Montenegro, o principe Nicolau da Grecia, um principe de Battemberg, o duque dos Abruzzos, o duque d'Urach e o filho do principe berdeiro da Rumania. Este é apoiado por varios membros do comité albanês de Bucarest.

O principe Ahmed Fuad, filho do khediva Ismail pachá e por consequente neto do celebre Mehomet Ali, fundador da dynastia Khedival, mas originario da Albania, é o mais cotado d'entre os pretendentes ao throno da Albania.

Antigo tenente da artilharia italiana, o principe Fuad exerceu depois o cargo de addido militar



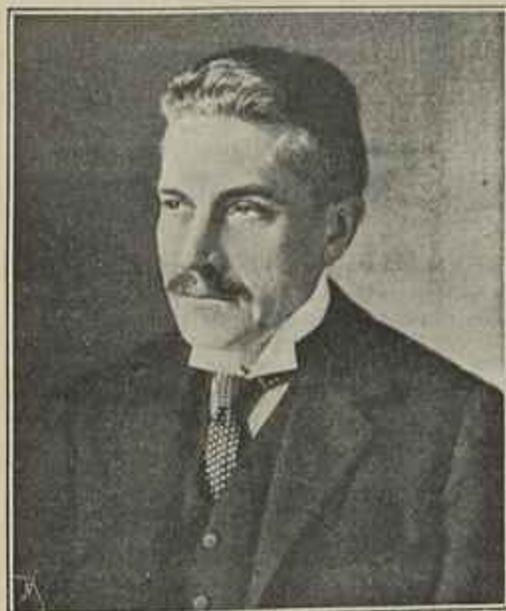
SIR E. GREY
Ministro dos Estrangeiros da Gran-Bretanha,
Presidente da Conferencia

lisação de suas tropas, no que a imitaram a Russia e a Italia, aliás com menor intensidade, já se desinteressou da famosa questão da qual Prochaska, que se dizia ter sido maltratado em Prizrend pelos servios, mas que afinal está são e salvo, o que não quer dizer que não houvesse atrocidades commettidas pelos subditos do rei Pedro na residencia d'aquelle representante austriaco.

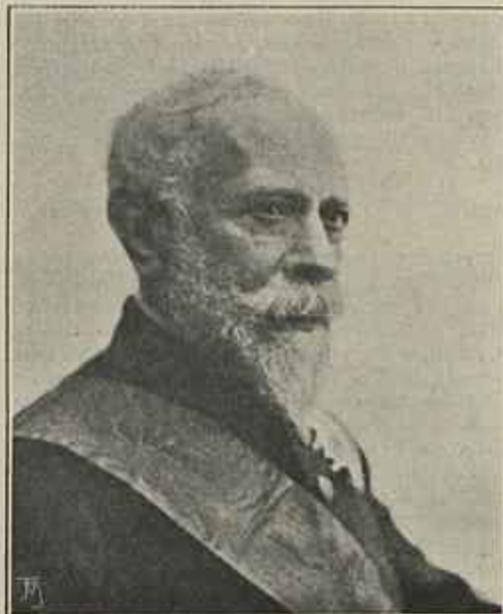
Fallou-se muito d'um plano grandioso empreendido pelo archi-duque, que é o paladino do partido da guerra, em opposição ao da paz, defendida pelo velho imperador.

Vendo a sua nação chegada ao momento decisivo em que deve viver ou morrer, esphacelar-se ou engrandecer-se, o principe Francisco Fernando, que conta Carlos V no numero dos seus antepassados, concebeu o grandioso plano de libertar todos esses povos tão variados que constituem a monarchia, restaurando os antigos reinos que a Historia conheceu, instituindo novos principados e creando assim uma confederação d'estados que comprehenderia o reino da Bohemia, o reino da Polonia, com seus chefes e sua autonomia; a Servia com suas fronteiras alargadas pela victoria, e accessida mesmo pela Salonica; o Montenegro ampliado com uma parte da Dalmacia e da Herzegovina. Todas estas provincias, erigidas em ducados, principados e reinos, livres e felizes, constituiriam um vasto imperio sob a corôa dos Habsburgo.

A Polonia, já comprehendeu toda a importancia d'esse sonho e revela-se austrophila.



PRINCIPE LICHNOWSKY
Embaixador da Allemanha



M. PAUL CAMBON
Embaixador da França



CONDE A. DE MENSDOFFF-POULLY-DIETRICHSTEIN
Embaixador da Austria-Hungria



PRINCIPE DE FRANCAVILLA
Embaixador da Italia

ottomano em Vienna, fazendo continuas viagens a Roma. A casa de Saboya fez-lhe sempre o melhor acolhimento.

O objectivo do principe Fuad é a constituição d'uma Albania livre e forte. Para isso, diz elle, é preciso que ella seja independente e que comprehenda nas suas fronteiras todas as localidades onde domina o albanês, isto é, que ella se estenda para o sul até Janina; ao norte, até Scutari; a este, até Morastir, Prizrend e Uskub.

Se fosse d'outra fórma, se apenas se lhe desse a autonomia sob uma soberania estrangeira, ou se ficasse mutilada dentro de fronteiras demasiado apertadas, a Albania havia de ser para a Europa uma causa de inquietação permanente, pois que necessariamente procuraria emancipar-se e estender-se, apoiando se sobre um ou outro dos seus vizinhos.

A Europa deve pois querer uma Albania maior e verdadeiramente livre. Fazer partilhar essa convicção, que é a sua, por aquelles cuja vontade pôde influir nos destinos balticos, tal é o fim das successivas viagens do principe Fuad a Vienna, Roma e Paris, onde conta com decididas influencias. Este principe é o candidato da Austria e da Italia. É um espirito esclarecido e aberto ás ideias novas, embora musulmano. Nos ultimos tempos consagrara-se ao desenvolvimento da universidade egypcia do Cairo.

A Austria, que até agora tem mantido a mobi-



CONDE BENEKENDORFF
Embaixador da Russia

A Bulgaria parece que não contraria aquelle empreendimento, e a Servia parece menos assustada com a mobilisação austriaca.

A Rússia e a Allemanha veriam assim erguer-se entre ellas uma potencia formidável, que transformaria a Europa nas suas combinações diplomaticas. Será possível a realisação d'esse sonho?

No dia 23, os delegados balkanicos, com inclusão da Grecia, que a Turquia teve de aceitar, affirmaram as suas pretensões, na pessoa de Novakovich, chefe da delegação servia, exigindo:

1.º Cessão de todas as possessões da Turquia na Europa (comprehendendo a Albania, cujos estatutos e fronteiras serão fixadas ulteriormente) com excepção da península de Gallipoli e do *hinterland* de Constantinopla, limitado por uma linha que vae de Midia a Rodosto;

2.º Cessão das ilhas do mar Egeu;

3.º Renuncia da Turquia aos seus direitos sobre a ilha de Creta.

Os delegados turcos obstinadamente se recusaram a aceitar taes propostas que representavam o seu aniquilamento, apresentando successivos pretextos para irem adiando a solução do problema, até que, finalmente, em 1 de janeiro, Rechid pachá, chefe da delegação ottomana, apresentou a seguinte nota, que, parece, annunciar o bom caminho para a realisação da paz balkanica.

Essa proposta, que é um documento historico, está assim concebida:

«Estando as potencias europeias manifestamente ansiosas por verem avançar as negociações e por se concluir tão rapidamente quanto possível, um tratado de paz, a Sublime Porta deu aos seus delegados instruções de natureza a evitar longas discussões e que permitirão, sem duvida, que se chegue rapidamente a uma solução satisfactoria.

1.º todos os territorios occupados a oeste do vilayet de Adrianopla serão cedidos, mas a determinação da fronteira e o estatuto da Albania, que será autonoma, deverão ser submettidos á decisão das grandes potencias;

2.º O vilayet d'Andrianopla ficará na posse directa do imperio ottomano, e a Turquia e a Bulgaria negociarão as rectificações de fronteiras que entenderem necessarias;

3.º A Turquia não pôde ceder nenhuma das ilhas do mar Egeu, mas discutirá com as grandes potencias todas as questões que a ellas se referem;

4.º A Turquia está disposta a inclinar-se perante qualquer resolução que as potencias protectoras possam tomar no que respeita a Creta;

5.º As declarações acima mencionadas formam um todo indivisivel.»

A Turquia continua a mostrar o intento de protelar a resolução da partilha, procurando, ao mesmo tempo, estabelecer a discordia, ou antes fomentá-la, entre os alliados balkanicos.

Ella cede os territorios occupados a este do vilayet de Andrianopla, mas ha muitos kilometros quadrados de territorio não occupado ainda. As cidades de Scutari e Janina estão cercadas, mas resistem.

Os alliados haviam exigido a cessão de todos os territorios situados a oeste de Adrianopla.

D'este modo a Turquia conserva apenas os vilayets de Adrianopla e de Constantinopla, e cede

os de Salonica, Monestier, Kossovo, Scutari e Janina, ou seja o Epiro, Macedonia e Albania. Esta nacionalidade embryonaria reclama a posse de Scutari e de Janina, estendendo as suas vistas mesmo a Monastir e Kossova, com o apoio da Austria.

Cedendo Salonica aos alliados, e negando-lhes Adrianopla, os vencidos usam de toda a velhacaria, visto que sabem perfectamente que a posse d'aquella cidade é o pomo da discordia por excellencia e que os bulgaros e os gregos só chegariam a entender-se no momento em que Adrianopla lhes cahisse nas mãos. Por isso a Sublime Porta se affirma intransigente, consentindo, quando muito, na rectificação de fronteiras.

Os turcos apresentam uma base para não ceder Adrianopla, além de razões de ordem historica, a impossibilidade, para o sentimento religioso musulmano, de deixar em mãos christãs a grande mesquita de Selim II.

O *Mir*, de Sofia, refuta estas razões, sustentando que antes de cair sob o dominio turco, Adrianopla foi bulgara, e que a existencia da mesquita do sultão Selim II e dos tumulos dos antepassados do soberano ottomano nada prova, porque nesse caso os christãos poderiam invocar circumstancias analogas para reclamarem Constantinopla, onde se acha Santa Sophia, venerada no mundo orthodoxo.

No que respeita a condições estrategicas, a posse de Adrianopla é d'um valor consideravel para os bulgaros, para os quaes aquella fortaleza, quando em poder da Turquia, seria uma ameaça constante.

Outra grande habilidade turca é a que consiste em confiar ás potencias protectoras o destino da ilha de Creta. Suppõe-se que em Constantinopla se não ignoram as pretensões da Inglaterra e d'outras nações á *bahia de Sude*, porto de guerra de primeira ordem. Sujeitando-se á decisão dos governos de Londres, Berlim, Paris, Roma e S. Petersburgo, a Turquia espera d'este modo fazer despertar difficuldades quasi esquecidas.

Morte do principe luitpoldo da Baviera

O principe regente da Baviera falleceu em 12 de dezembro, aos 92 annos de idade. Tendo enlouquecido seu sobrinho, o mallogrado principe Othão, foi Luitpold quem presidiu, desde 1886, aos destinos do povo bavaro, que venerava esse descendente dos Wittelsbach, alma de artista e de intellectual, que fez em 1866 guerra contra a Prussia e que em 1870 se alliou com ella, aclamando em Versailles o rei Guilherme como imperador da Allemanha.

Succede-lhe seu filho o principe Luis, que tem 69 annos, pois nasceu em Munich a 7 de janeiro de 1845. Possui uma personalidade sensivelmente opposta á de Luitpold, tendo por vezes affirmado, contra as tendencias dominadoras da Prussia, esse sentimento particularista ainda muito vivo na Baviera. A mais retumbante d'essas manifestações foi a sua declaração de Moscou, por occasião da coroação de Nicolau II. Respondendo a um discurso desastrado d'um representante da Allemanha, o principe Luis exclamou: — *Nós não somos vassallos; somos alliados e eguaes de sua magestade o imperador allemão.*

É catholico fervente, agricultor apaixonado e protector da industria; doutor em economia po-

litica pela universidade de Munich e em direito pela de Erlangen.

Do seu casamento com a princesa Maria Theresza, archi-duquesa da Austria, teve nove filhos, dos quaes tres vorões. O mais velho, o principe Ruprecht, nasceu em 1869 e casou em 1900 com a duquesa da Baviera, Maria Gabriella, da qual tem tres filhos.

A dynastia dos Wittelsbach está portanto solidamente assegurada.

Infelizmente o principe Luis não poderá usar o titulo de rei, visto que o infeliz Othão é mais novo do que elle tres annos e gosa de invejavel saude, abstrahindo do honrivel desastre cerebral, que o mergulhou nas trevas do esquecimento, entregue apenas ao mecanismo da vida vegetal.

Lisboa, 7 — 1 — 13.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.

PELOS TEATROS

República

A deshonra, peça em 3 actos, de D. João de Castro.

Ser dramaturgo não consiste apenas em delinear a acção de uma peça, escrevê-la correctamente, movimentar-lhe as personagens, criar-lhe situações; é preciso que a acção seja natural, que as palavras não sejam só palavras, que as personagens não sejam fantoches, que os acontecimentos não sejam artificios; em suma, que por toda a obra perpassse um sópro de génio, que nela se surpreenda uma força criadora, que a unidade seja absoluta, a rialidade manifesta, a forma perfeita, o sentido elevado.

Dar á obra dramática a intensidade necessária para poder actuar nos espiritos sob uma forma de Beleza, numa manifestação de arte pura, elevando-a ao altar de Dionysos, é ser um dramaturgo.

É-o aquêle que prescura os profundos arcanos da alma humana, onde surpreende as paixões cujos delictos conhece. Mas procede subjectivamente e a sua obra pertence menos á sua fenomenalidade afectiva e sensorial que a esse instincto poderoso que o faz penetrar na essência das coisas. E para isso é indiferente a escola e o género.

Esboçadores de dialogos ócos, esses que no dizer do director da comedia, M. Pawlowski, *font la blague des chefs-d'oeuvres*, não são dramaturgos.

Possuir essa propriedade essencial de dar a forma dramática a uma concepção ou a uma ideia e fazê-lo com relêvo de linguagem e de espirito, deixando transparecer entre defeitos de forma e degradação essa ideia ou concepção, nitida, clara, vibrante e profunda é, por certo, alcançar entre os mantenedores da liça das letras pátrias, um posto de honra e merecer os aplausos sinceros de quem se interessa pelo desenvolvimento da arte nacional. Porque esses defeitos de estrutura, que contribuíram para o insuccesso da obra perante o público atribuem-se exclusivamente á inexperiencia no mistér, sendo portanto susceptiveis de remédio e aperfeiçoamento em trabalhos futuros.

A ideia principal, a ideia fulcro, desenvolvida com rara habilidade, mantem-se e só é prejudicada no ponto de vista dramático. Chegados a esta conclusão vamos tentar explicar a obra e corroborar as afirmações feitas.

A Deshonra é extraída de um romance publicado não ha muito tempo com o mesmo titulo e pelo mesmo autór.

O sr. D. João de Castro desprezando o rialismo brutal das obras modernas não se arrecoou do sorriso irónico dos seus contemporaneos e mostrou-se romantico. O tema que escolheu, escabroso por natureza, teve a seu favor a subtilidade da escola e os dons literários do autór.

Cesarina, uma cortezã, recebia em sua casa um rapaz de vinte annos, Salvadór, que por ela se apaixonára. Nunca até ali tinha havido ligação alguma entre eles. Cesarina que já orçava pelos quarenta, sentia-se atraída para ele mas, por um capricho, tinha se sempre recusado. Dava se entre eles um facto muito vulgar entre criaturas nestas condições. Ela insensibilizada por uma existencia de prazér, só podia ter um amór feito de desejo, de volupia.

Que me perdõem os panegiristas da *Dama das Camélias* e da *Maçon*.



Príncipe herdeiro Ruprecht

Príncipe Luitpold

Príncipe falecido Luitpold

Príncipe regente Luis

A sua idade e a sua vida, que não estava disposta a abandonar, não lhe permitiam uma ligação duradoura com um rapaz de vinte anos. Ela o diz quando lhe marca uma entrevista para essa noite. Ele, a idade das paixões e das ilusões, era arrastado para ela pela sua beleza e mais pela ânsia de vencer, pelo desejo contrariado.

Havia euníquo em casa de Cesarina. Por um amigo el vem a ter conhecimento de que o pae de Salvadôr era o homem que a tinha seduzido e de que este é seu filho. Um instante mais e o incesto ter-se-hia praticado.

Salvadôr, occulto na casa, espera o cumprimento da promessa de amor que lhe tinha sido feita.

Ela foge-lhe horrorizada. Ele, ignorando a situação, sente-se ferido no seu orgulho masculino e retira-se.

Logo no primeiro acto fica a acção esboçada. As personagens apparecem e definem-se sem preambulos, em dois traços habéis. As scenas succedem-se regularmente, sem esforço. A intensidade dramática mantém-se.

Cesarina não esquece que é uma cortezã. Não poderia declarar ao mundo a sua maternidade sem que sobre o seu filho não caísse o labeo da deshonra.

Eu disse acima que uma mulher nestas condições era naturalmente refractária ao amor. Não disse porém que ella não podesse ser susceptivel de possuir qualquer outro sentimento.

O amor materno, a recordação de um filho atravessando a sua existencia como um motivo musical entre complexidades orchestraes, um filho que lhe tinha sido arrancado pouco depois de nascêr; a ligação misteriosa que ha entre a célula geradora e o producto gerado, um ser que se forma de outro ser; a recordação da época em que se ouviu o grito cruel e em que amor era ainda ilusão dos sentidos; eram, fortes, poderosos laços que a uniam ao filho que não conhecia e que lhe apparecia agora em tão trágica situação.

Estamos em presença de um facto real, plausivel. Dar-lhe vida, dramatisá-lo é tarefa espinhosa. Colocando-o em criaturas vulgares apparece nos sempre repugnante. Falta-lhe a grandeza que só se poderia alcançar collocando-o em criaturas excepcionaes, — que só a tragédia lhe poderia dar. O acto, em si, absorve o barro fragil do heroe e com elle a sua paixão e o seu sofrimento.

Cesarina abandona a vida galante retirando-se para uma casa modesta e empregando o seu tempo em obras piedosas. Salvadôr visita-a frequêntemente. Continua a amá-la, desesperado e inquieto. Estranha certamente aquella mudança repentina.

Ela trata-o como um amigo, como um filho. O mundo, ocioso, maldizente, sceptico, que na peça apparece encarnado em Braz Temudo, murmura e acaba por descobrir que ha uma certa semelhança entre os traços fisionómicos de Salvadôr e os de Cesarina quando nova.

A insinuação está feita. Um conjuncto de circumstancias provoca no espirito de Salvadôr uma duvida cruel. Ah! já não era amor que elle sentia. Era a serpente da duvida, uma obsessão terrivel, uma prescencia vaga. Rebuscando nas gavetas de Cesarina encontra cartas em que descobre a letra de seu pae. Ela entra e surpreende-o. Ele quer saber a verdade. «E' minha mãe?» — «Graça» responde-lhe ella à sobre-posse. E num devancio da sua alma soffredora pergunta-lhe o que faria se encontrasse sua mãe naquella situação. «Não sei» responde elle. Luctam ambos.

Ha um meio de adquirir uma certeza. Conste elle em ser sua amante? Ele impõe-lh'o pela força. «Sou tua mãe!» E elle parte.

Eis a excelente trama do segundo acto. Pena é que seja prejudicada por certos detalhes destinados a explicar a acção mas que se afastam do rumo principal: tal a introdução inopinada na scena da rapariga seduzida por Salvadôr vindo pedir a Cesarina que abandone aquêlle que todos julgam ser seu amante.

Eu não sei, até aqui, por que se possa incriminar a peça ao sr. D. João de Castro. O primeiro acto impecavel, o segundo de grande relevo artistico em assunto tão difficil. A acção vai-se desenvolvendo até atingir um ponto culminante. Daí ou um voo de aguia ou um eplogo pouco brilhante. Seria difficil mantêr o *crescendo*. Evidentemente era preciso acabar. O autor não tinha certamente formado um plano de conjuncto e possuia sómente as linhas geraes da obra.

E' por essa razão que o desenlace da peça, que comprehende todo o ultimo acto, nos deixa uma impressão de desfavor e de pezar. O ultimo acto da *Deshonra* não é digno dos dois primeiros. Vê-se nelle uma indecisão, um não sei que de forçado. Não é a continuação lógica dos aconteci-

mentos ou de outro modo é a gradação que é falseada. Não se contesta a possibilidade dessa conclusão. Diz-se apénas que não dá á obra uma unidade absoluta.

Cesarina apoz aquella scena violenta teve uma síncope cardíaca. Está agora restabelecendo-se numa casa de campo. Não tinha sabido mais do filho. O pae de Salvadôr pretende arranjar para este um casamento de conveniencia. Para esse fim vai procurar Cesarina com o intuito de provocar o rompimento entre elles, julgando também que são amantes. Nêste momento apparece Salvadôr que pergunta a seu pae o que fez de sua mãe e declara-lhe que ella está ali — Cesarina. Ella apparece e cae nos braços do filho, radiante de alegria por vêr que tinha vindo. Mostram-lhe o pae de Salvadôr, fazendo-o passar por um médico da vizinhança. Ella chama-o e reconhece nêle o seu primeiro amante. A comoção é demasiada forte e morre.

Uma descrição singela não basta para dar uma ideia perfeita do assumto. Será preciso apontar defeitos além dos já enumerados. O apparecimento de uma personagem que seria perfectamente dispensavel e que de modo algum se integra na acção, dando lugar a aproximações, ainda que infundadas, com obras de grande vulgaridade e os ditos desse Braz Temudo, que já apresentamos como o prototipo do mundo, apagando os efeitos que se poderiam tirar de certas scenas dramaticas.

São porém defeitos pelos quais se não pôde condenar o autor que neste seu primeiro trabalho dramático mostrou raras qualidades, uma perfeição que se alcança difficilmente e uma disposição natural para o teatro.

E' preciso não esquecer que o sr. João de Casmaneira brilhantemente a lingua pátria e possui um espirito pouco vulgar.

O processo literário que seguiu não agradou certamente ao nosso publico de teatro, impregnado, se assim se pôde dizer, de francezismo e de rialismo.

Fez, porém, o illustre dramaturgo obra que tem subido valôr e que mostra consolador sintoma no nosso campo literário: as suas personagens são bem portuguezas pelo seu proceder, pelo seu sentir e até pelo seu falar — nenhuma influencia estranha soffreram.

Vai já longo este artigo e queria eu referir-me aos principais interpretes da *Deshonra*.

Em primeiro lugar a actriz Itália Fausta que, salvo erro, apparece pela primeira vez nos palcos da capital. A illustre actriz que é de nacionalidade italiana tem uma figura majestosa e uma beleza singular. A sua arte é perfeita, pôde dizer-se mêmso requintada. O papel de Cesarina, de uma difficuldade pasmosa, encontrou nela um interprete fiel, dócil, carinhosa.

Teodoro Santos interpretando o papel de Salvadôr deu mais um passo na sua auspiciosa carreira artistica. Foi cuidadoso e mostrou uma boa vontade que é muito para louvar. De Chaby no papel de Braz Temudo outra coisa se não poderia dizer diferente da que sempre se diz: uma graça e uma habilidade raras.

A. DE MELLO E NIZA.

Industria nacional

A Fabrica de Chocolate Iniguez

Tendo-nos referido, nesta revista, por varias vezes á Fabrica de Chocolate Iniguez, a mais importante de productos do cacau estabelecida em nosso país, temos hoje a registrar a abertura de uma sucursal desta fabrica, na rua Aurea, para a venda tanto dos seus finissimos productos, como para servir chocolate á chavena.

Esta sucursal excede em luxo e em bom gosto tudo o que neste genero se tem estabelecido em Lisboa. Tanto a decoração exterior como a interior são das mais artisticas, que ultimamente se têm feito em estabelecimentos da capital.

Exteriormente, as cantarias são custosa e delicadamente lavradas, como se vê bem nas gravuras que publicamos. Interiormente, o seu aspecto é belo quanto agradável, sendo as paredes e tecto revestidos de magnificos estuques brancos, formando graciosas linhas de molduras e festões de delicados relevos, vendo-se ao alto da parede principal, em um medalhão do mesmo estuque,

o retrato do fundador da grande Fabrica de Chocolate Iniguez, industria nacional por excellencia, tal como o sr. Iniguez apresenta os seus productos que não temem o confronto com os similares estrangeiros.

De certo para lastimar seria que, possuindo Portugal na sua colonia de S. Thomé a mais preconizada materia prima, o cacau, não se fabricassem neste país os mais finos chocolates de todas as especies, como são os da marca *Iniguez* que honram a industria portugueza.

Felizmente Portugal pôde hoje dispensar a importação de chocolates estrangeiros, que não são melhores dos que da marca *Iniguez*, o que já é importante para a economia nacional.

O estabelecimento da sucursal de que nos vimos occupando, marca mais um progresso digno de se apreciar, pois que é devido á muita actividade e trabalho do sr. Manuel Antonio Iniguez, que não é só industrial inteligente mas também grande patriota, pelo entusiasmo com que se dedica á sua industria concorrendo para á prosperidade da patria.

A sucursal da Fabrica Iniguez, da rua Aurea, oferece agora ao publico de Lisboa uma esplendida sala, onde lhe serve os mais finos chocolates, que por estes dias frios de inverno, são uma bela e confortante refeição, superior a outro qualquer *lunche* por ventura mais despendioso e menos proveitoso.

O publico vai reconhecendo esta vantagem e não só ali concorre a tomar chocolate, mas a fornecer-se dos magnificos productos da Fabrica Iniguez como os finissimos *bombons* e *nougat*, o cacau, chocolate cakula, etc.



Recebemos as seguintes obras, que desde já se agradece a seus autores e editores, e de que oportunamente se fará a apreciação:

A neta do Cosinheiro, romance historico e social, por Luiz da Providencia. Parceria A. M. Pereira, Livraria editora, rua Augusta, 52, Lisboa.

A Besta Humana, por Emilio Zola. Guimarães & C.ª, editores, rua do Mundo, 68, Lisboa.

Cantos Populares Portugêses, *Recolhidos da tradição oral e coordenados*, por A. Thomaz Pires. Volume LV. Tipografia de Antonio José Torres Carvalho, Elvas, 1912.

Liga Naval Portugueza. *Breve resenha de seus trabalhos no decennio 1902-1912*. Porto, Tipografia Ferreira, 1912.

A Marquezinha, por Feliciano Champsaur, trad. de Chagas Franco. Guimarães & C.ª, editores, rua do Mundo, 68, Lisboa.

Memorias Militares de Campo Maior, por Luiz Couceiro da Costa. Editor, Antonio José Torres de Carvalho, Elvas.

Anais do Club Militar Naval. Numeros 7, 8, 9 e 10 dos mezes de julho, agosto, setembro e outubro.

Boletim da Associação Central da Agricultura Portugueza. 2.ª serie, outubro de 1912. Vol. I, n.º 4. Editor, Joaquim de Azevedo — Redação e Administração, rua Garrett, 95. — Sumario: *Revista Agricola*, D. Luiz de Castro; *O Museu Agricola Nacional anexo ao Instituto Superior de Agronomia*, F. Julio Borges; *Sanidade Pecuaria (contra o mal rubro ou tabardilho dos porcos)*, J. V. Paula Nogueira; *A emigração*, João Marques de Carvalho; *Maçans para exportação*, Conde de Bobone; *A maquina Acaulco aperfeiçoada em Italia*, José Martins Mira Galvão; *Organização dos servicos agricolas*, (o decreto de 17 de agosto de 1912); *Secção do Ultramar*, Adolfo F. Moller; *Noticias e informações*; *O Diario de Governo*, decretos, portarias e avisos de interesse agricola.

Relatorio e contas da Associação de Instrução ás Classes Trabalhadoras. Ano social de 1911 e 1912.

Preços correntes. *Grande Armazem de Viveres de Manuel Tavares & C.ª* (Irmão), rua da Prata, 288, Lisboa.

INDUSTRIA NACIONAL



SUCURSAL DA FABRICA INIGUEZ DE CHOCOLATE
NA RUA AUREA

Aos srs. Assinantes e Publico

Brevemente esta revista sa-
hirá aumentada no numero de
paginas e ampliada em todas
as suas secções. O seu preço
continua a ser o mesmo.



ASPETO INTERIOR DA SUCURSAL DA FABRICA INIGUEZ

(Cliché A. Lima)

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.^ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia
chromoyppia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais ba-
ratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os
organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



A. COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815



Novas installações d'este atelier que está montado com todos os requisitos modernos e
sortido com as ULTIMAS novidades de PARIS e LONDRES. Trajes de rigor, forrados a seda
em casaca, sobrecasaca e smoking desde 30.000 réis. Fatos dos melhores tecidos nacionais
desde 13.500 réis e dos melhores tecidos Ingleses desde 22.000 réis. Ha sobretudoos feitos.

Rua do Loreto — Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.ª — LISBOA

PARA LEVANTAR
OU CONSERVAR
AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro
Franco & C.^ª, Lisboa. Unico legalmen-
te auctorizado pelos governos e aucto-
ridades sanitarias de Portugal e Brazil
e premiado com Medallas d'Ouro em
todas as exposições. Centenares dos
principaes medicos garantem a sua effi-
cacia na debilidadade, na pobreza do san-
gue (anemia), na convalescença de todas
as doenças e sempre que é preciso le-
vantar as forças. E' muito usado ao
lunch e ao toast pelas pessoas de consti-
tuição fraca e pelas robustas, que tem
excesso de trabalho intellectual ou phy-
sico. Um calix d'este vinho representa
um hom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação
dos volumes do «OCCI-
DENTE»

Em percalina com letras a ouro,
encadernação de luxo

Na capas para todos os annos,
eguaes na cor para colleções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200